

Prezo muito as famílias que cuidam dos idosos. Como filha de pais separados, desejo — como quase todos os filhos de pais separados — ver meus pais juntos novamente. Quando eles precisarem de assistência, terei apenas de mandar seus companheiros para o asilo e passarei a cuidar dos meus pais em casa, onde farei com que se deitem na sua mesmíssima cama de casal, até a morte. Para mim, essa é a maior felicidade possível. Em algum momento, só preciso esperar com calma, serei eu a dar as cartas.

Tenho hemorróidas desde que me conheço por gente. Por muitos, muitos anos, achei que não podia contar isso para ninguém. Porque só os vovozinhos têm hemorróidas. Nunca as achei nem um pouco joviais e femininas. Quantas vezes já fui ao proctologista com elas! Mas sua recomendação foi deixá-las quietas enquanto eu não sentisse dor. E eu não sentia dor. Elas só coçavam. Dr. Fiddel, meu proctologista, receitou uma pomada de zinco para o problema.

Para a coceira externa, deve-se apertar o tubo e colocar uma porção do tamanho de uma avelã no dedo de unha mais curta, espalhando-a pela roseta. O tubo tem uma ponta afunilada com muitos buraquinhos para que se possa inseri-lo no cu e apertar a pomada lá para dentro, a fim de aplacar o comichão na parte interna.

Antes de usar uma pomada dessas, eu coçava a bunda com tanta força durante o sono que, na manhã seguinte, aparecia uma mancha do tamanho de uma rolha, marrom-escuro, na calcinha. Quanto maior a coceira, mais o meu dedo entrava. Estou dizendo: elas não são nem um pouco joviais e femininas.

Minhas hemorróidas têm uma aparência muito especial. No decorrer dos anos, elas foram saindo cada vez mais. Agora, ao redor da roseta há bordas de pele com a forma de

nuvens, que se parecem com os tentáculos de uma anêmona-do-mar. Dr. Fiddel chama isso de couve-flor.

Ele diz que, se eu quisesse me livrar delas, o procedimento seria puramente estético. Ele só opera quando as pessoas realmente se sentem incomodadas. Eu teria bons motivos se o meu amado não gostasse delas ou se a couve-flor me constrangesse durante o sexo. Mas eu nunca confessaria uma coisa dessas.

Se alguém me ama ou está com tesão em mim, então a couve-flor não deveria ter importância. Além disso, durante muitos anos, dos 15 até hoje, aos 18, tive relações anais muito bem-sucedidas, apesar da viçosa couve-flor. Quando falo “muito bem-sucedidas”, quero dizer: gozar, embora o pinto entre apenas no meu cu e nada mais seja tocado. Sim, me sinto orgulhosa disso.

Além do mais, essa é a melhor maneira de testar se alguém está com intenções sérias comigo: peço que ele faça, logo na primeira vez que transamos, minha posição favorita: a do cachorrinho, ou seja, eu fico de quatro, rosto para baixo, ele vem por trás, língua na xoxota, nariz no cu, e para se chegar nesse ponto é preciso de uma boa preliminar, porque o buraco está coberto pelo legume. A posição se chama “com-o-rosto-tapado”. Ninguém reclamou até agora.

Se temos um órgão tão importante assim para o sexo (a bunda é um órgão?), é preciso treinar descontração. Isso, por sua vez, facilita a entrega e o relaxamento para o sexo anal.

Como eu uso a bunda ao transar, ela também sofre da obsessão moderna contra os pêlos, assim como minha xoxota, minhas pernas, minhas axilas, meu buço, ambos os dedos e o peito do pé também. Não passo a lâmina no buço, é claro. Ele é depilado, porque todas aprendemos que senão

aparece um bigode. As moças deveriam evitar a depilação. Eu era muito feliz com meus pêlos no passado, mas, depois que comecei com essa bobagem, não consigo mais parar.

De volta à raspagem da bunda. Ao contrário das outras pessoas, sei exatamente qual é a aparência do buraco do meu traseiro. Eu o vejo diariamente no banheiro de casa. Fico com a bunda virada para o espelho, abro com força com as mãos, deixo as pernas retas, quase encosto a cabeça no chão e olho para trás, por entre as pernas. É exatamente assim que faço a raspagem. Só que tenho de livrar uma das mãos para poder trabalhar. Coloco o aparelhinho sobre a couve-flor e começo a operação, de dentro para fora, com força e coragem. Não há problema em avançar até o meio da bunda, às vezes há um pêlo perdido por lá. Como eu pessoalmente resisto muito à raspagem, acabo sempre trabalhando muito rápido e com muita força. Foi assim que acabei ganhando minha fissura anal, e é por causa dela que estou no hospital. Tudo culpa do Ladyshave. *Feel like Venus! Be a goddess!*

Talvez nem todos saibam o que seja uma fissura anal. É um rasgo ou corte muito fininho na pele da roseta. E, quando esse lugarzinho aberto infecciona, o que é muito freqüente lá embaixo, a dor é infernal. Como agora. Afinal de contas, o traseiro está sempre em movimento. Quando a gente fala, ri, tosse, anda, dorme e, principalmente, ao se sentar no banheiro. Mas só soube disso depois que a dor começou.

As hemorróidas inchadas pressionam intensamente o machucado da raspagem, aumentam a fissura cada vez mais e me fazem sentir a maior dor da minha vida. Com folga. Em segundo lugar, vem a dor de quando meu pai fechou o porta-malas do nosso carro sobre toda a minha coluna vertebral — ra-ta-ta-tá —, batendo com força total. E a

terceira pior foi quando arranquei o piercing do mamilo ao tirar um pulôver. Por isso meu mamilo direito ficou parecido com a língua de uma cobra.

De volta à minha bunda. Fui me arrastando, morrendo de dor, da escola até o hospital e mostrei minha fissura a todos os doutores que estivessem a fim de vê-la. Fui internada imediatamente no setor de proctologia, ou será que se chama setor interno? “Setor interno” soa melhor do que o bacana título “setor do cu”. Afinal, não queremos que os pacientes dos outros setores fiquem com inveja. Talvez o termo “interno” seja meio genérico. Vou perguntar mais tarde, quando estiver sem dor. Agora não devo me mexer mais e me largaram aqui em posição fetal. Com o avental levantado e a calcinha abaixada, bunda voltada para a porta. Para que todo mundo, ao entrar, saiba de cara qual é o problema. Deve estar parecendo muito inflamado. Todos que entram dizem “Oh”.

Falam sobre pus e um abscesso que está pendendo para fora do traseiro. Imagino que seja uma bolha que se parece com a pele do pescoço dessas aves tropicais, quando elas se inflam todas na hora de anunciar o acasalamento. Um saco esticado, vermelho-azulado e brilhante. O próximo proctologista que entra diz somente:

— Bom dia. Eu sou o prof. dr. Notz.

E me enfia algo na bunda. A dor avança pela coluna vertebral e sobe até o cérebro. Quase perco a consciência. Depois de alguns segundos de dor, tenho uma sensação de algo estourando, molhado, e grito:

— Ai, avise antes, por favor. O que foi isso, droga?

E ele:

— Meu polegar. Me desculpe, mas eu não conseguia enxergar nada com esse abscesso enorme na frente.

Que jeito de se apresentar!

— E aí? O que o senhor está enxergando agora?

— Temos de operar imediatamente. Você comeu algo hoje de manhã?

— Como poderia, com tanta dor?

— Ótimo. Vamos dar anestesia geral. É melhor nesses casos.

Também gostei. Não quero estar acordada na hora.

— O que exatamente vai acontecer na operação?

A conversa começa a me cansar. É difícil se concentrar em alguma coisa que não seja a dor.

— Vamos cortar de modo cuneiforme o tecido infectado ao redor da fissura da pele.

— Não consigo imaginar o que seja cuneiforme. Dá pra desenhar?

Parece que o prof. dr. Notz não é solicitado com frequência a rascunhar rapidamente seu plano cirúrgico. Ele quer ir embora, olha para a porta, dá um suspiro quase imperceptível.

Mas acaba tirando uma caneta prateada do bolso da camisa. Parece ser pesada. Parece ser cara. Ele olha em volta; deve estar procurando um papel para o desenho. Não posso ajudá-lo, espero que ele não esteja contando com isso. Qualquer movimento dói. Fecho os olhos. Ouço um barulho e escuto ele arrancar uma folha de algum lugar. Preciso voltar a abrir os olhos, estou ansiosa por esse desenho. Ele segura o papel na palma da mão e faz uns rabiscos com a caneta. Em seguida, me apresenta sua obra. Leio: Creme de espinafre. Não acredito no que vejo. Ele arrancou um pedaço do cardápio que fica no quarto. Viro o papel. Ele desenhou um círculo, suponho que deva ser o buraco do meu traseiro. E

no círculo uma fenda pontuda, triangular, como se alguém tivesse roubado um pedaço de torta.

Ah, é isso! Obrigada, prof. dr. Notz! Com tamanho talento, já pensou em se tornar artista? Esse desenho não me serve. Não entendi nada, mas também não pergunto mais. Ele não quer me ajudar a trazer luz à escuridão.

— O senhor tem certeza de que consegue arrancar a couve-flor de uma vez só?

— É o que será feito.

Ele me deixa deitada ali, molhada pela água da bolha estourada, e vai embora. Estou sozinha. E fico com medo da cirurgia. A anestesia geral me deixa muito insegura. Acho que, a cada duas cirurgias, o paciente não volta a acordar em uma. Estou me sentindo muito corajosa por enfrentar a faca mesmo assim. O próximo a vir é o anestesista.

O embotador. Ele se senta próximo à cama, bem ao lado da minha cabeça, numa cadeira baixa demais. Sua voz é muito suave e ele demonstra mais compreensão pelo meu estado lastimável do que o prof. dr. Notz. Ele pergunta com quantos anos estou. Se eu fosse menor de 18, deveria estar acompanhada por um responsável. Mas não sou. Digo-lhe que cheguei à maioridade neste ano. Ele me olha esquisito. Ninguém acredita, eu sei. Aparento menos idade. Conheço a cena. Coloco meu rosto sério de você-pode-tranqüilamente-acreditar-em-mim e o encaro fixamente. Seu olhar se modifica. Ele acredita. Vamos em frente.

Ele me explica o funcionamento da anestesia, diz que vai me pedir para contar e em algum momento vou apagar, sem perceber. Durante toda a operação ele vai ficar sentado junto à minha cabeceira, vigiando minha respiração e controlando se estou tolerando bem a anestesia. Ah! Então esse jeito de se sentar muito-próximo-à-cabeceira é uma espécie

de vício dele. A maioria das pessoas nem percebe, afinal estão anestesiadas. E com certeza ele tem de se encolher e ficar sentado tão perto da cabeça porque senão iria atrapalhar os verdadeiros médicos durante a cirurgia. Coitado. Tem a postura típica no cumprimento da profissão: ficar curvado.

Ele me trouxe um contrato que tenho de assinar. Lá está escrito que a cirurgia pode causar incontinência. Pergunto o que tudo isso tem a ver com o xixi. Ele esboça um sorriso e diz que se trata de incontinência anal. Nunca ouvi falar. De repente fica claro o que isso significa:

— O senhor está dizendo que não vou controlar mais meu esfíncter e que o cocô vai ficar saindo a qualquer hora, que vou precisar usar fraldas e que vou ficar fedendo o tempo todo?

Meu embotador diz:

— Isso mesmo, mas é raro. Assine aqui, por favor.

Assino. O que mais poderia fazer, se essas são as condições para a cirurgia? Afinal, não conseguiria me operar direito sozinha em casa.

Oh, céus. Por favor, Deus que não existe, faça com que isso não aconteça. Usar fraldas aos 18 anos. Elas são para serem usadas aos 80. Se for assim, eu terei conseguido passar apenas 14 anos de minha vida sem fraldas. E ninguém fica bonito de fraldas.

— Querido embotador, será que eu poderia ver o que eles vão tirar de mim durante a cirurgia? Não gosto que me cortem e que o meu pedaço acabe indo parar no lixo, junto com os abortos e os apêndices, sem ao menos eu ter dado uma olhada. Quero pegar na mão e examinar eu mesma.

— Se você fizer questão, claro.

— Obrigada. — Ele enfia uma agulha no meu braço e a fixa com uma fita adesiva. É por onde a anestesia geral

vai entrar mais tarde. Ele avisa que daqui a alguns minutos um enfermeiro vai me levar à sala de cirurgia. O embotador também me deixa deitada na água da bolha estourada e vai embora.

Estou preocupada com o negócio da incontinência anal.

Querido Deus que não existe, se eu sair daqui sem incontinência anal, paro com tudo o que me faz ficar com a consciência pesada. Paro, por exemplo, com aquela brincadeira em que eu e minha amiga Corinna andamos pela cidade, totalmente bêbadas, passando pelas pessoas e catando seus óculos, para depois quebrá-los ao meio e sumir.

É preciso correr rapidamente, pois algumas delas ficam com tanta raiva que conseguem ser muito velozes mesmo sem os óculos.

A brincadeira é uma asneira total, porque a tamanha excitação e descarga de adrenalina nos fazem ficar sóbrias logo depois. É um grande desperdício de dinheiro. Mais tarde começamos a nos embebedar de novo.

Eu até que gostaria de parar com essa brincadeira, porque às vezes de noite me vem à mente a expressão das pessoas que se tornam subitamente cegas. Parece que estou arrancando um pedaço do corpo delas.

Bem, isso seria uma das coisas. Vou pensar em mais outras.

Talvez eu pare com uma das coisas que faço com as prostitutas, se realmente for preciso. Mas seria um grande sacrifício. Eu preferiria que fosse suficiente parar com a brincadeira dos óculos.

Tomei a decisão de me tornar a melhor paciente que já passou por esse hospital. Serei muito simpática com as enfermeiras e os médicos sobrecarregados. Limparei sempre

eu mesma minha sujeira. Por exemplo, essa água da bolha estourada. No peitoril da janela há uma caixa grande de luvas de borracha, aberta. Para os exames, provavelmente. Será que o Notz estava usando uma quando desvirginou minha bolha? Droga, não prestei atenção. Ao lado das luvas de borracha há uma outra caixa, grande, de plástico transparente. Uma tigelinha para gigantes. Talvez lá dentro exista algo que eu possa usar para a auto-higiene. Minha cama fica ao lado da janela. Me estico com cuidado e bem devagar, sem movimentar meu traseiro machucado; consigo alcançá-la. Puxo a caixa até a cama. Ai. Ao levantá-la e revirar o conteúdo, tensionei os músculos da barriga, e é como se alguém enfiasse uma faca na infecção. Pausa. Fechar os olhos. Respirar fundo. Não se mexer. Esperar até a dor diminuir. Abrir os olhos. Assim.

Agora posso abrir a tampa. Que excitante. Cheia de absorventes gigantes, fraldas para adultos, calcinhas descartáveis, compressas de gaze e protetores, com um lado de plástico e outro de algodão.

Gostaria de que uma dessas coisas estivesse debaixo de mim quando Notz entrou. Daí a cama não estaria molhada agora. Muito desagradável. Preciso de dois desses protetores. Um deles vai ficar com o lado de algodão na poça. Para que ela seja absorvida. Mas então eu ficaria deitada sobre um plástico. Não gosto. O jeito é pegar outro protetor e colocá-lo com o algodão para cima. Boa, Helen, apesar das dores infernais você é a melhor enfermeira de si mesma.

Ou seja, quem consegue cuidar tão bem de si com certeza logo vai ficar boa. Aqui no hospital preciso ser um pouco mais higiênica do que na minha vida normal, lá fora.